



A CIDADANIA, O CYBER-ESPAÇO E O ENSINO DE GEOGRAFIA: A REDE SOCIAL INSTAGRAM COMO POSSIBILIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ademar Ferreira Gonçalves Júnior

ferreira.junior@gmail.com¹

Bruno Ripardo de Aguiar

Brunoripardo13@gmail.com

Resumo

A abordagem sobre métodos e metodologias no que tange o ensino de geografia por muito passa longe do ideal quando analisada criticamente a efetividade das práticas pedagógicas apresentadas em sala de aula e uma revisão, seguida de uma proposta que não finda em si mesma, fazem-se necessárias na discussão acadêmica e, mais profundamente, institucional. Observado criteriosamente, à luz do método histórico-dialético, constatou-se que a ciência geográfica, nacionalmente, vem perdendo espaços tanto no âmbito escolar quanto no meio acadêmico, e muito dessas perdas se referem à enorme lacuna entre geografia acadêmica e geografia escolar e pelo afastamento da ciência com o meio informacional – apesar de tê-lo como objeto de estudo. Para tanto, observou-se, durante 3 (três) meses a realidade escolar da instituição de ensino público, o colégio Dr. Celso Malcher e no cursinho pré-vestibular da Rede Emancipa, localizadas no bairro Universitário, Belém/PA, a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e do Projeto de Extensão “Apoio à Organização Social de Comunidades Populares a Partir da Cartografia Participativa”, tratando-se de organizações cuja existência estão diretamente ligadas às lutas de movimentos sociais, associações de bairros – passadas e atuais – com o objetivo de analisar como desenvolver formas que consigam relacionar a ciência geográfica (acadêmica) com a geografia escolar, isto é, com o cotidiano vivido dos alunos. O estudo recuperou, portanto, a historiografia tanto da ciência geográfica quanto da localidade do bairro para entender a paisagem do mesmo e como ela é reflexo dos problemas estruturais da cidade de Belém e, principalmente, visualizar as possibilidades de melhora, com a apropriação do conhecimento geográfico e aplicando-o na realidade vivida do alunado. Evidenciou-se, além disso, as possibilidades criadas, com o suporte do uso da rede social Instagram, no âmbito pedagógico e social, promovendo o intercâmbio efetivo entre geografia acadêmica e geografia escolar, colocando os alunos das instituições como protagonistas no processo pedagógico do ensino. Concluiu-se que a geografia, como disciplina escolar e como ciência, pôde recuperar seu verdadeiro papel: de desvendar as desigualdades sociais.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), bolsista vinculado a CAPES no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Os agradecimentos e, principalmente, os resultados colhidos deste artigo ficam para cada aluno e aluna de ambas instituições que contribuíram incessantemente ao longo das práticas de ensino aplicadas dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Internet, Paisagem.

Introdução

No processo em que a sociedade dos homens solidifica e (trans)forma a sua relação entre si, a lógica metodológica e, pois, as formas de compreensão do mundo embutidas nas diversas ciências seguem diversos objetivos e objetos de estudos. Na ciência geográfica este ritual não passa despercebido, com as sucessivas variações de analisar e compreender o mundo, seguindo uma lógica hegemônica/global, levando em consideração interesses, motivações e, principalmente, o momento de formação de determinada corrente do pensamento.

Neste primeiro momento, é válido observarmos como o estudo de epistemologia da ciência geográfica analisa a *Paisagem* – como objeto que a Geografia assume – ao longo do seu processo criativo. A princípio, a Geografia tinha como função o simples ato de descrever o mundo – como está intrínseco na sua tradução (do grego “geo” + “grafia” = terra + escrita). As diversas formas que o mundo possui, suas diferenças, os motivos que levavam a uma possível diferença, e assim sucessivamente. Como consequência, a categoria *Paisagem* assume fundamental importância, pois é nela que há a ponte entre a percepção do mundo com o conhecimento humano empírico-descritivo¹. Esta análise descritiva da paisagem é logicamente rudimentar, defasada e totalmente desconexa com o contexto real do mundo, onde há múltiplas formas que interagem entre si e configuram as diversas formas da paisagem, deste a natural à artificial ou até mesmo à “segunda natureza” (SANTOS, 1999). Em contrapartida, a partir da metade do século XX, a Geografia passa por um momento de transformação e renovação tanto no seu campo de análise como nos modelos metodológicos a serem seguidos na formação dos estudos científicos.

O materialismo histórico-dialético surge como método científico mais completo e fundamenta a ciência para uma base crítica no estudo da Geografia, assumindo o Espaço Geográfico como categoria principal na formação dos estudos geográficos. Dentro desta pequena análise sobre a formação do escopo teórico-metodológico da ciência geográfica,



diversas categorias encontram-se em paulatinas transformações e momentos de fricções, isto é, a perspectiva de inserir o modelo crítico nas diversas formas de se analisar a composição do mundo fez com que a própria análise descritiva da paisagem se tornasse, portanto, insuficiente.

No entanto, como afirma de maneira categórica Milton Santos, a paisagem passa da percepção para a análise, onde “tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos” (SANTOS, 1988, p. 21). Portanto, a perspectiva no que tange a funcionalidade da paisagem e sua própria função como objeto de análise retorna à agenda de importância na ciência geográfica, sendo a construção da mesma um produto e/ou a materialização das técnicas, sobrevivendo aos intemperes do tempo ao longo do espaço.

Além disso, com este advento de produção da paisagem, as relações inter e intra-sociais também permanecem vivas nas formas e figuras do olhar paisagístico do espaço – nota-se que há uma intensa interlocução, quase uma simbiose, nos conceitos entre paisagem e espaço que, no entanto, se diferem em termos físicos, onde de um lado a paisagem retrata determinado momento, certamente com todos seus movimentos e funcionalidades, enquanto que o espaço está no movimento em si, gerando, assim, um par dialético que se complementam – resultando a materialidade, no sentido mais profundo, das relações da sociedade, como evidencia categoricamente o professor Milton Santos:

A vida é sinônimo de relações sociais, e estas não são possíveis sem a materialidade, a qual fixa relações sociais do passado. Logo, a materialidade construída vai ser fonte de relações sociais, que também se dão por intermédio dos objetos. Estes podem ser sujeitos de diferentes relações sociais - uma mesma rua pode servir a funções diferentes em distintos momentos (*Ibidem*, p.25).

É dentro da perspectiva de funcionalidade diferenciada de um único espaço, isto é, das paisagens urbanas, que o objeto deste presente artigo toma para si os movimentos da desigualdade gerada, principalmente, pelo grande capital, resultando, na paisagem da cidade de Belém, enormes distorções e quadros que evidenciam, desde o final do século XIX, o processo de exclusão da população carente e de baixa renda da paisagem que hoje é vendida pela indústria do turismo, que cresce em enormes proporções com as políticas de gentrificação de

áreas urbanas e resultando, de acordo com Santos (2014, p. 59) em um “*espaço sem cidadãos*”, que é um espaço que consagra desigualdades e injustiças, aplicando este instrumental teórico, de maneira mais compreensível/concreta, no espaço da internet com a participação de alunos do Colégio EETEPA Dr. Celso Malcher, localizado no bairro da Terra Firme, marcado pelo seus altos índices de violência e criminalidade, e alunos do cursinho popular Emancipa, localizado dentro da Universidade Federal do Pará que atende alunos majoritariamente em quadro de vulnerabilidade e de baixa renda. É pertinente observarmos que este processo de exclusão e, conseqüentemente, de perda de direitos é resultado, em grande medida, pela “mutilação” dos cidadãos, isto é, a perda de seus direitos fundamentais como moradia, saúde e educação através de uma inversão de modelos, onde o modelo econômico sobreposto ao modelo cívico², resultando na transformação do cidadão em *usuário*, isto é, “em lugar do cidadão formou-se o *consumidor*” (Ibidem, p 25).

Objetivo

A partir da virada do século XX para o século XXI, a internet adquire notoriedade no contexto social. É justamente no início dos anos 2000 que o cyber-espaço começa a ganhar mais visibilidade nos diversos segmentos da sociedade, seja como palco de informação – e, também, de desinformação – como palco de sociabilidade, isto é, uma “democracia relativa” onde os cidadãos, inseridos na rede global, criam relações e sucessivos “*territórios-rede*” (HAESBAERT, 2004) e um novo segmento cultural, mais híbrido e aberto a novas possibilidades na fomentação do caráter cívico surgem – neste caso, no espaço da internet. No contexto de globalização no qual a sociedade contemporânea se enquadra, as disputas por espaços do capital – e a internet insere-se nesta realidade – viram verdadeiros coliseus, buscando a criação de notórios monopólios e/ou oligarquias de poder, ao passo de desmembrar ou, como intitulou Milton Santos, metaformizar o espaço ao seu bem querer. Logicamente as fotografias deste espaço, isto é, a paisagem que o espaço assume evidenciam todas as características de determinado povo, sociedade, sistema econômico e, principalmente, as relações culturais que estão sobre o movimento eterno da sociedade que é exatamente o processo de materialização das relações sociais.



Neste sentido, a paisagem passa a ser um excelente instrumento de análise para a percepção e, principalmente, análise da construção do espaço que, em essência, é social, pautado quase em sua totalidade nos interesses do capital como bem retrata MOREIRA (1982), onde “o capital descobriu o espaço geográfico. Resta saber quando descobrirão os que opõem sua ditadura”, o que nos faz pensarmos na Geografia como uma ciência que serve não somente para desvendar as máscaras sociais, mas, principalmente, uma ciência que serve como subsídio para o pleno exercício da cidadania quando o seu instrumental teórico é plenamente compreendido e assimilado pelo alunado e, também, pela sociedade.

Portanto, torna-se imprescindível a necessidade de se obter o conhecimento sobre a clareza dos elementos que compõem o espaço, ou melhor, os espaços geográficos, que em sua essência são as relações da sociedade, relacionando a estas relações os fatos históricos, estatísticos e, principalmente, o próprio conhecimento vivido do alunado sobre a composição física, natural e social como parte preponderante na construção e do constante movimento que estão presentes no espaço, para que haja o olhar crítico sobre a construção da paisagem, a sua importância em todas as esferas da sociedade, com o objetivo de fazer com que o alunado aumente o seu repertório analítico sobre a compreensão do mundo em que vivem e atuam e, conseqüentemente, aumente as proposições de ideias sobre o planejamento socioespacial da cidade, instrumento importante para a vida cotidiana em sociedade no sentido de exercer a plena cidadania em todas dimensões sociais, sendo o espaço da internet, o cyber-espaço, o principal palco e ferramenta desta discussão.

Metodologia

Visando promover um diálogo efetivo entre a ciência geográfica e a geografia escolar, na prática docente, e sob a égide do pensamento freireano, usa-se a rede social Instagram como possibilidade para democratizar a prática de ensino e efetivá-la na compreensão da realidade, visto que romper, de modo geral, com o papel hierárquico do professor-aluno na aprendizagem é primordial para que o alunos sejam e se sintam parte da construção do conhecimento, uma vez que “o cidadão só se torna cidadão com a contribuição de várias instâncias” (CAVALCANTI, 1999). O Instagram possui, hoje, mais de 1 bilhão de usuários no cyber-espaço – de acordo com a Statista BhgB (2018), até abril de 2018, o Brasil possuía cerca de 61

milhões de usuários ativos no Instagram, ficando como segundo país com mais usuários no mundo, atrás somente dos Estados Unidos – fazendo com que a prática do ensino na plataforma se torne uma proposta válida e crie a possibilidade de se alcançar uma outra globalização, mais democrática e cidadã. E para que esta prática tenha êxito é necessário trabalhá-la da forma como exemplifica Lana Cavalcanti:

Há um certo consenso entre os estudiosos da prática de ensino de que esse papel é de prover bases e meio de desenvolvimento e ampliação da capacidade dos alunos na apreensão da realidade *do ponto de vista da espacialidade*, ou seja, da compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço (CAVALCANTI, 1998, p.11).

Em um primeiro momento é necessário que a escola se faça valer como local de prática cidadã. Como se faz isso? Cavalcanti enumera uma série de possibilidades de como articular a ciência geográfica com o exercício da cidadania como, por exemplo:

A proposta político-pedagógica ‘Escola para o século XXI’ da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, que tem como projeto temático “a cidade e a cidadania” (1998). Nessa proposta, a relação cidade e cidadania é o eixo temático da proposta curricular, e não apenas de Geografia, o que aponta para o reconhecimento do caráter interdisciplinar do estudo da cidade (CAVALCANTI, 1999, p. 42).

Isto é, fazer com que o ambiente escolar seja um local de síntese, onde os alunos possam “confrontar as diferentes fontes de concepção e prática da cidade” (*Ibidem*, p. 41), sendo este o primeiro passo da prática pedagógica no ensino de geografia. É importante evidenciarmos, portanto, que a escola não perde sua essência – de ser um espaço de ensino e de educação –, pelo contrário, reforça sua identidade. Para tanto, o professor, também, assume fundamental importância, pois, é ele quem faz este intercâmbio, direciona e coloca em prática o caráter cidadão que a educação possui, fugindo de cair no método tradicional que, invariavelmente, ainda se faz valer.

No segundo momento, como o Instagram possui premissa básica o compartilhamento de imagens articuladas a um texto – o que faz com que pensemos neste ambiente virtual como um espaço pedagógico, visto que apresenta o cotidiano vivido dos alunos – para criar um ambiente adequado para o ensino, a perspectiva teórica-metodológica proposta consistiu-se em articular, neste ambiente virtual, o compartilhamento de uma imagem (da paisagem urbana) e um texto base em um perfil criado chamado “Interageo”, onde este texto é construído em três



partes: (i) o que a legislação diz sobre o tema que estiver sendo trabalhado; (ii) como a geografia se apropria e conceitua o tema proposto, municiando o seguidor da página, que muitas vezes são alunos; e (iii) a análise e reflexão sobre assuntos trabalhados dentro de sala de aula (como globalização, urbanização e espaço agrário) articulados a diversos temas propostos (como o direito à cidade, violência e desigualdade), com a intencionalidade de fazer com que os seguidores do perfil avaliem as diferentes paisagens (neste caso, as fotografias), processos e atores envolvidos, notando, assim, a formação de espaços desiguais e os seus respectivos processos de construção. Isto é, utilizar a fotografia como um recurso que consista em articular a aparência (foto/imagem) e a essência (construção da paisagem), sendo esta articulação a primeira etapa, do segundo momento, da metodologia proposta.

A segunda etapa foi dividida em duas partes, a primeira é a prática de campo dos alunos que, posterior a aula sobre um conteúdo da Geografia, irão analisar no seu cotidiano aspectos em que o assunto proposto esteja relacionado a uma categoria geográfica. Consecutivo a isso, os mesmos fotografaram uma imagem do seu cotidiano mostrando como aquela paisagem (fotografia) foi construída (forma-conteúdo), junto a imagem foi enviado um texto com a reflexão do aluno sobre o tema proposto. A terceira etapa consiste na aplicação de enquetes e questionários – aplicados no perfil do Instagram (Interageo) – que, de acordo com assunto proposto, buscou-se sanar e esclarecer as dúvidas pertinentes a primeira etapa.

A última etapa consistiu na construção participativa dos alunos (da Rede Emancipa) que, em um primeiro momento, apresentaram seus respectivos trabalhos produzidos, fazendo valer a construção participativa trabalhada por Cavalcanti, e colaborar com o compartilhamento de imagens sobre a sua interpretação das postagens, envio de novas sugestões, interações através de curtidas e comentários e, principalmente, a criação um espaço de ação, buscando, no cyber-espaço, um ambiente que possibilite a compreensão da diversidade cultural, da (trans)formação do espaço através das relações sociais e, conseqüentemente, a formação de um território-rede que é, neste sentido, cívico-cidadão, uma vez que há a possibilidade de ressignificar o espaço da internet em um palco de atuação da sociedade civil, se apropriando dos conceitos geográficos.



Imagem 1: Alunos da Rede Emancipa apresentando suas fotografias para a turma.

Para os alunos do colégio Dr. Celso Malcher, a última etapa que se altera, onde os próprios alunos se dividiram em grupos e criaram 7 (sete) perfis novos no Instagram a fim de relacionar os assuntos discutidos dentro de sala de aula (como um reforço) relacionando-os com temas diversos também, proporcionando um diálogo efetivo entre a ciência geográfica e o cotidiano vivido deles (a utilização da rede social como facilitador deste processo).

Vale ressaltar que o perfil no Instagram não tem intuito de formar geógrafos, mas de conscientizar os alunos, em primeiro lugar, e a população, mais adiante, no exercício do seu papel enquanto cidadão, pois, através da compreensão e análise da formação desigual do espaço, utilizando as categorias de análise da ciência geográfica, percebam que o espaço é uma totalidade e, portanto, constatem se há (ou não) o exercício da cidadania no seu cotidiano vivido, isto é, em sua paisagem.

Resultados

Com base nos métodos e assuntos propostos em sala de aula, constatou-se uma grande evolução no nível de aprendizagem, visto que trazer as redes sociais junto as práticas de campo trouxeram um ambiente descontraído e agradável para absorção dos conteúdos de geografia. Após a atividade proposta, os alunos trouxeram seu olhar e entendimento sobre as diferentes paisagens (categoria geográfica) relacionada ao direito a cidade e os aspectos de desigualdades na construção do espaço na cidade de Belém como é possível visualizar nas fotografias, feitas



pelos próprios alunos, enviadas ao perfil Interageo e publicadas no próprio perfil, corroborando com a proposta feita na metodologia (construção participativa).



Imagem 2: Bosque Camilo Viana e Benito Calzavara na Universidade Federal do Pará (UFPA), registro feito pelos da Rede Emancipa³.



Imagem 3: Passagem Bom Sossego, bairro da Terra Firme, Belém/PA. Registrada por uma aluna da Rede Emancipa⁴.

Através das enquetes, feitas no perfil do Interageo, notou-se um grande grau de interesse dos alunos em fazer parte da construção desse conhecimento, o que corrobora com a ideia de Cavalcanti (1998) em colocar o aluno como protagonista, onde o professor apenas lhe auxilia e lhe dá as ferramentas para uma melhor compreensão dos assuntos.

É notável que as redes sociais, se não trabalhadas de maneira correta, acabam por cair no método tradicional de ensino, o que torna mais uma vez a disciplina muito teórica e enfadonha, pois, visto isso, a nossa proposta foca na mudança nas práticas pedagógicas tradicionais, para que a compreensão tanto nas redes sociais, quanto em sala de aula tenham êxito. Fica evidente, deste modo, após a análise das imagens e textos dos alunos o quão importante é o papel da geografia enquanto ciência social, uma vez que a construção da cidadania também cabe aos cidadãos a percepção crítica sobre o espaço habitado, para que possa ter um cidadão consciente e, assim, o mesmo faça valer seus direitos e cumprir seus deveres em busca de uma sociedade melhor.

Considerações Finais

De fato, é inegável que precisa haver uma mudança não apenas nos métodos, como também na metodologia de ensino, e trabalhar a cotidianidade do aluno utilizando as categorias geográficas relacionando os aspectos local e global facilitam na compreensão e abre a possibilidade de uma nova perspectiva no ensino de geografia, de uma Geografia reflexiva, que antes era enfadonha e descritiva, para uma prática de ensino que contemple o intercâmbio efetivo entre o cotidiano (geografia escolar) e a ciência geográfica – no cyber-espaço. Nesse sentido, há a importância de haver uma atualização da prática de ensino no atual contexto da globalização, o que faz com que o Instagram seja uma excelente ferramenta para a esta nova prática de ensino.

É notado uma interação gradativa entre o público e página, pois, por a internet oferecer uma gama de serviços a seus usuários, a dispersão pode ocorrer de forma muito rápida, então coube à página criar um laço cotidiano e um ambiente sociável e descontraído para que pudesse haver a discussão de temas relacionados a agenda geográfica e, portanto, uma democratização do ensino de forma plena. O acesso à página em seus dois primeiros dias, após sua primeira publicação, teve o ingresso de novos 58 seguidores e em seus Stories (ferramenta de postagem temporal) um alcance de aproximadamente 46% dos seus respectivos seguidores, tendo acesso de pessoas da área de ensino, alunos e cidadãos comuns que veem na página um instrumento



facilitador no seu exercício do papel de cidadão para reivindicação dos seus direitos, o que corrobora com a utilização da internet como possibilidade teórico-metodológica no ensino.

Diante da nova forma que a globalização se dá, em razão de como as redes sociais influenciam no dia a dia do aluno, e tendo em vista que a escola é uma extensão da sociedade, onde não se pode ignorar ou tratar como tabu as problemáticas sociais que desenvolvem diferentes espacialidades, a página trabalha, em sua proposta experimental, o que Cavalcanti (2010) aborda como “confronto entre conceitos cotidianos e conceitos científicos”, na construção dos conceitos geográficos, onde o aluno irá relacionar todas suas relações sociais com as diferentes categorias, seja o lugar, território, o espaço geográfico e a paisagem (fotografia), de forma compreensiva e descontraída tendo acesso à internet – seja em casa, na escola ou qualquer outro lugar – como recurso pedagógico, possibilitando uma ruptura com o que Freire (1996) define como “ensino bancário” ou Santos (2014) como modelo econômico, possibilitando a autonomia e contemple o modelo cívico, isto é, a cidadania no ensino.

Notas

¹ É importante ressaltar que esta perspectiva empírico-descritiva nos remete ao método Positivista que, embora hoje apresente muitas lacunas para sustentar a teoria proposta, do século XIX ao século XX fora amplamente utilizada, tendo como premissa básica a relação de dominação da natureza sobre o homem (determinismo), na qual a variação da paisagem tinha como funcionamento a regra de causa e efeito. Compreendemos que esta perspectiva teórico-metodológica norteou a ciência geográfica em seus passos iniciais, e até hoje pode ser utilizada em determinadas propostas que a Geografia possibilita, porém é inegável que passamos por mudanças quanto as perspectivas teórico-metodológicas que sustentam a ciência e, principalmente, no que tange o ensino de geografia.

² Para Santos (2014), a recuperação da noção cidadã se dá através do modelo cívico através da emancipação social no território valorando as relações culturais – sobrepondo, deste modo, as relações econômicas – uma vez que um povo sem cultura é um povo sem cidadania. Quanto ao território, emprega-se o valor de posse, a luta para dominar (ou não ser dominado). Em outras palavras, é o poder político empregado ao povo, ou melhor, remete à sociedade, através da luta, o exercício da cidadania, sendo esta uma questão de direito à cidade, do direito a dominar coletivamente os espaços da cidade – da cidade para a sociedade.

³ “Na imagem é possível ver um ambiente estável e agradável. A casa que estão vendo é feita de material reciclável, as paredes são madeiras de outras obras, o telhado é usado para uma Horta também. Podemos notar a importância da reciclagem para o ambiente em que vivemos. Em alguns bairros da nossa cidade não tem um saneamento básico regular, lixo ficam expostos nas ruas e canais. E nossos governantes não tem projetos ou algo que possa

envolver ou conscientizar a população da importância da reciclagem. Então entram as desigualdades sociais: enquanto os bairros "Nobres" estão sendo bem cuidados, tem suas coletas de lixo regulares, em outros locais as pessoas estão expostas as doenças pela falta de projetos a respeito dos lixo" – texto elaborado pelos alunos da Rede Emancipa e publicado no perfil "Interageo".

⁴ “Com essa imagem tirada do meu bairro, especificamente da passagem onde eu moro, posso visualizar o quão gritante é a desigualdade social com relação ao direito de cidade. Vemos também as condições bastante precárias de algumas casas, muitas de madeira, fios de energia elétrica amontoados e etc. Diferente de muitos outros bairros de classe média, o meu é desprovido de saneamento básico (rede de tratamento de água e esgoto), segurança, área de lazer, coleta regular de lixo, entre outros. Com isso, vê-se que, por puro descaso do poder público somos condicionados a viver nessas condições” – reflexão da aluna também da Rede Emancipa sobre os aspectos da desigualdade na construção de diferentes paisagens na cidade de Belém, também publicado no perfil.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar:** elementos de geografia para o espaço urbano. In: GEOUSP, Nº 5. São Paulo: 1999, p. 41-55.

_____. **A Geografia e a realidade escolar contemporânea:** avanços, caminhos, alternativas. In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento-Perspectivas Atuais. Belo Horizonte: 2010, p. 1-13.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** São Paulo: Papirus Editora, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MOREIRA, Ruy. **A geografia serve para desvendar máscaras sociais.** In: Geografia, teoria e crítica: o saber posto em questão. Rio de Janeiro: Vozes, 1982, p. 33-63.

STATISTA BHGB. **Statista:** el portal de estadísticas para datos de mercado, investigaciones de mercado y estudios de mercado, 2018. Estadísticas de Internet. Disponível em: <<https://es.statista.com/estadisticas/875291/paises-con-mayor-numero-de-usuarios-de-instagram-2018/>>. Acesso em: 20 de mai. de 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo. Hucitec, 1999.

_____. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **O Espaço do Cidadão.** São Paulo: Edusp, 2014.